

A diegese em *Confissão* de Luiz Vilela

Rilza Rodrigues Toledo¹, rilza@konet.com.br; **Sonia Maria Dal-Sasso**²

1. Mestranda em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), MG; professora na Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac), Ubá e Visconde do Rio Branco, MG;
2. Mestranda em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) MG; Professora na FAMINAS, Muriaé, MG.

RESUMO: Este trabalho apresenta a leitura crítica do conto **Confissão** de Luiz Vilela, aplicando os elementos da diegese. Destaca-se o diálogo reticente entre duas personagens. O autor mantém uma prosa discreta, tendo no diálogo o seu ponto de maior destaque. Suas personagens são marginalizadas e suas histórias tristes e desesperançadas parecem afastar o leitor mais acostumado à solução pronta, presente na literatura brasileira contemporânea.

Palavras-chave: narrativa, diegese, conto, Luiz Vilela.

RESUMEN: La diegesis en la Confesión de Luiz Vilela. Este trabajo presenta a la lectura crítica del cuento Confesión de Luiz Vilela, aplicando los elementos de la diégesis. Se destaca el diálogo reticente entre dos personajes. El autor mantiene una prosa discreta, teniendo en el diálogo su mayor destaque. Sus personajes son marginalizados y sus historias tristes y sin esperanza parecen alejar al lector más acostumbrado a soluciones inmediatas, presentes en la literatura brasileña contemporánea.

Palabras llaves: narrativa, diegesis, cuento, Luiz Vilela.

ABSTRACT: Diegesis in *Confissão* of Luiz Vilela.

This work presents the critical reading of the story **Confissão** of Luiz Vilela, applying the elements of diegesis. The reticent dialogue between two personages is distinguished. The author keeps a discrete chat, having in the dialogue its higher point of prominence. Its characters are kept out of society and the sad and deprived of hope histories seem to keep the reader away from the most customary ready solution, present in the Brazilian contemporary literature.

Keywords: narrative, diegesis, story, Luiz Vilela.

Introdução

No mundo da literatura brasileira, ao contrário do que muitos pensam, a vanguarda poética continua viva, ao lado do que chamamos de tradição do novo, uma postura oscilante em toda literatura. A literatura é viva, atuante com sua linguagem própria, mais rica e mais variada do que a linguagem comum cotidiana, embora o escritor possa fazer uso desta, na variada estilização de suas concepções da realidade. Assim, de acordo com as especificidades e modalidades textuais da narrativa, este trabalho pretende analisar elementos da narrativa e da diegese no conto **Confissão** de Luiz Vilela, um gênero textual da narrativa.

Desta forma, demonstrar-se-á que no conto, mesmo sendo um gênero escrito, é possível a observação de estratégias e marcas de formulação de planejamento do texto, como os pares dialógicos (pergunta-resposta).

Conto é um dos gêneros discursivos e conceituá-lo é uma tarefa muito difícil, pois como Mario de Andrade afirma, o conto tem uma forma indefinível, insondável e irreduzível a receitas.

Em Ferreira, encontra-se a seguinte definição: Conto: Dev de contar. S. m. 1. Narração falada ou escrita. 2- Narrativa pouco extensa, concisa e que contém unidade dramática, concentrando-se à ação num único ponto de interesse (1996, p. 462).

Segundo Nicola, é a mais breve e simples narrativa, centrada em um episódio da vida. O crítico Alfredo Bosi, em seu livro **O conto brasileiro contemporâneo**, afirma que o caráter múltiplo do conto “já desnorteou mais de um teórico da literatura, ansioso por encaixar a forma-conto no interior de um quadro fixo de gêneros” (NICOLA, 1999, p. 39). Na verdade, se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia o seu espaço todas as possibilidades da ficção.

O contar (do latim *computare*) uma estória, primeiramente de forma oral evoluiu para o escrito, conforme Gotlib (2000, p. 29), mas o conto não se refere só ao fato acontecido.

O conto é a forma narrativa, em prosa, de menor extensão (no sentido estrito de tamanho), ainda que contenha os mesmos componentes do romance. Entre suas principais características, estão a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito ou impressão total. O conto precisa causar um efeito singular no leitor; muita excitação e emotividade. Podem-se imaginar várias fases do conto. Em outras definições encontramos: “o conto como forma simples, expressão do maravilhoso, linguagem que fala de prodígios fantásticos, oralmente transmitidos de gerações a gerações e o conto adquirindo uma formulação artística, literária, escorregando do domínio coletivo da linguagem para o universo do estilo individual de um certo escritor” (REIS, 1987, p. 10).

Numa leitura mais profunda, ao analisar a estrutura textual, nota-se que “O conto se constrói para fazer aparecer artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permita ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta” (PIGLIA, 2001, p. 24).

I – O contista Vilela

O conto **Confissão** faz parte do primeiro livro de Luiz Vilela, autor laureado com o Prêmio Nacional de Ficção e o Jabuti, cujo lançamento data de 1967, e a reedição apresenta algumas correções e pequenas mudanças feitas pelo autor ao longo dos anos.

O escritor Vilela, em suas obras, relata fatos do cotidiano usando uma linguagem coloquial, muito próxima da fala do dia-a-dia, criando maior efeito de realidade e aproximação com seu leitor. Seus contos tratam de temas que variam entre sexualidade e erotismo, permeados de religiosidade.

Quanto à linguagem desse gênero discursivo, é o diálogo o mais usado, pois os conflitos, os dramas, residem na fala das pessoas, nas palavras proferidas, ou pensadas, e não nos atos ou gestos, que são reflexos da fala.

O tom de comédia, que, aliás, pode passar despercebido em uma primeira leitura, é dado pelo desencontro entre o que um personagem fala e o que o outro entende culminando com o ato de contrição que é, talvez, a forma de remissão de todos os pecados do ser humano.

Há certo questionamento dos conceitos que pode chegar às margens do niilismo, e isso é constante em Vilela. Inclusive muitos dos títulos de seus contos são irônicos: **Filosofia, Olhos verdes, Tremor de terra, Cabeça, Cadela.**

Vilela mantém uma prosa discreta, tendo no diálogo o seu ponto de maior destaque. Os contos representam o melhor de sua obra, são retratos poéticos do cotidiano urbano e seus diálogos, marcados pelo coloquialismo e simplicidade, permitem que qualquer leitor se embrenhe com sucesso em suas tramas, mas seus temas muitas vezes confinados a tabus, seus personagens marginalizados e suas histórias tristes e desesperançadas parecem afastar o leitor mais acostumado à solução pronta, fartamente presente na literatura brasileira contemporânea.

II – Resumo do conto

O conto inicia na igreja, num confessionário, e o padre em sua função, hierárquica e de controle, ordena ao garoto, um adolescente que está na fase do despertar para a sexualidade, que conte os seus pecados. O garoto, inocente ou ingênuo, relata de forma reticente que viu sua vizinha sem roupa, no momento em que ele foi a casa dela buscar um livro. Após algum interrogatório ele confessa também que esse fato já acontecera outras vezes e que ele tentava desviar o olhar, mas não conseguia, parecia estar hipnotizado pela forma como a moça se portava.

Relata ainda, que a mãe já lhe avisara de que a moça não procedia bem. Ele termina dizendo que esse é o seu único pecado, pecar pela vista e o padre sugere que ele reze o Ato de Contrição, como forma de redimir do pecado, ser absolvido.

III – Releitura do conto

O título **Confissão** aborda a temática que permite o diálogo com a religiosidade e termina com o Ato de Contrição que é considerado um ato de purificação e de absolvição de todos os pecados no final de cada confissão. Ao sugerir o Ato de Contrição, percebe-se uma relação cíclica com o título do conto – **Confissão** que, além de demonstrar o caráter de retomada, é inerente à religiosidade.

O texto não apresenta narrador, há apenas um diálogo, característico da *diegese*, esse de forma predominante, revelando a atitude do padre que confessa o garoto de forma reticente, sugerindo ao leitor julgar através de tantas lacunas, o que se passa na vida daquele adolescente, no momento em que ele se transforma, ao encontrar a vizinha nua quando ele vai à sua casa buscar um livro, e, impressionado com a nudez, peca pela vista, o que pode ser comparado com o seguinte trecho bíblico: “Viu, pois a mulher que o fruto da árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e de aspecto agradável; e tirou do fruto dela e comeu” (BÍBLIA SAGRADA, Gênesis, cap. 3, versículo 6).

O comportamento do garoto com a moça faz lembrar a história da bíblia, e permite ou sugere ao leitor identificar a postura de Eva que seduziu Adão no paraíso, com sua ingenuidade disfarçada e embutida na maçã, fruto da sedução, comprovando, assim, o diálogo da literatura com a religião, cujo tema, também é relevante em Vilela.

O conto apresenta elementos da diegese, uma vez que não se limita à ação, mas às ações que constroem o diálogo. Esse diálogo com lacunas permite que o leitor construa um leque de possibilidades para inferir e julgar o comportamento das personagens - padre, o garoto e a vizinha, permitindo fazer uma viagem de retrospectiva aos primórdios de nossa história com Adão e Eva.

Embora não cite o cenário, o texto sugere que as ações são comuns de um confessor, numa igreja, já que o padre, muitas vezes, se expõe pela característica de curiosos moradores de pequenas cidades, onde todos se conhecem muito bem. De acordo com as perguntas do reverendo, percebe-se que, além de manter uma seqüência durante a confissão, exerce seu controle, deixando entrever que conhece muito bem a moça, vizinha do garoto.

Há no conto um leitor implícito que se mobiliza para comportamentos diferentes dos seus. O texto é literário e em seus espaços vazios o leitor cala, finge, camufla e a seu modo, preenche tais espaços. Nota-se a presença de uma ideologia, cujos valores morais e religiosos são pregados pelo representante de uma instituição social, a Igreja, e este deixa entrever suas características, cumprindo o papel que lhe é inerente.

IV – Diegese

A diegese é um termo de origem grega divulgado pelos estruturalistas franceses para designar o conjunto de ações que formam uma história narrada segundo certos princípios cronológicos. O termo já aparece em Platão (**República**, Livro III) como simples relato de uma história pelas palavras do próprio relator (que não incluía o diálogo), por oposição a *mimesis* ou imitação dessa história recorrendo ao relato de personagens. Por outras palavras, o sentido da oposição que Sócrates estabelece entre *diegesis* e *mimesis* corresponde, respectivamente, à situação em que o poeta é o locutor que assume a sua própria identidade e à situação em que o poeta cria a ilusão de não ser ele o locutor. De notar que a teoria de Sócrates diz respeito à diferença entre o drama (que é sempre *mimesis*) e outros elementos (que são sempre *diegesis*), salvaguardando-se a natureza da épica de ambas.

Divergindo desta oposição clássica, a partir dos estudos da narrativa cinematográfica de Étienne Souriau (que chamava diegese àquilo que os formalistas russos já haviam chamado fábula) aplicados por Gérard Genette à

narrativa literária, considera-se diegese o conjunto de acontecimentos narrados numa determinada dimensão espaço-temporal aproximando-se, neste caso, do conceito de história ou intriga. Não se confunde com o relato ou o discurso do narrador nem com a narração propriamente dita, uma vez que esta constitui o “ato narrativo” que produz o relato.

4.1– Figuras da diegese

De acordo com o estudo feito, existem lacunas representadas pelas reticências presentes em todo o texto, que permitem ao leitor inferir a seu modo, agregar informações e fazer julgamentos.

A metonímia se faz presente no fragmento que relaciona a parte pelo todo: “*pequei pela vista*” (VILELA, 1980, p. 67). Nota-se a presença de tempo cíclico quando o Ato de contrição define o título – **Confissão** – e consolida a absolvição do pecado. Há, ainda, a presença da repetição do não nas respostas do garoto durante o diálogo com o padre.

V – Análise crítica

Num primeiro momento, é importante examinar a ocorrência do par dialógico – perguntas e respostas – no conto **Confissão** do autor Luiz Vilela.

Observa-se que esse texto foi escrito sob a forma de diálogo, que segue um ritual, ou seja, é uma conversação em que são previstas certas fases que podem ser verificadas no fragmento a seguir, com a abertura do diálogo pelo padre: “– Conte os seus pecados, meu filho.” Nota-se, então, que há uma pergunta implícita: Quais são seus pecados meu filho? O que caracteriza o início da conversação.

Da mesma forma, já é prevista, nesse ritual, uma resposta por parte do confessando: “– Eu pequei pela vista...” (VILELA, 1980, p. 67).

Em prosseguimento, tem-se o que se espera que o padre diga, em decorrência dessa situação: “– Não tenha receio, meu filho: não sou eu quem está te escutando, mas Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, que está aqui presente, pronto a perdoar aqueles que vêm a Ele de coração arrependido” (VILELA, 1980, p. 67).

Pode-se também notar um julgamento e ensinamento do padre e que também é o desejado:

– É uma manobra do demônio: ele queria que você ficasse olhando, para conquistar seu coração; por isso é que você não sentiu que estava pecando. Ele faz o

pecado parecer que não é pecado e a gente pecar sem perceber que está pecando. O demônio é muito astuto (VILELA, 1980, p. 69).

Finalmente, o encerramento do ritual, fechando a confissão com a fala do padre:

– Pois vamos pedir perdão a Deus e a Virgem Santíssima pelos pecados cometidos e implorar a graça de um arrependimento sincero e de nunca mais tornarmos a ofender o coração do seu Divino Filho, que padeceu e morreu na cruz por nossos pecados e para a nossa salvação. Ato de contrição (VILELA, 1980, p. 70).

Nota-se a intimidade entre os interlocutores expressa pelo confessor, pela forma – “meu filho” – denotando o envolvimento, que é uma das características de língua falada, na interação dos participantes da conversação. Trata-se, também, de um elemento expressivo, que reforça os argumentos do padre, aproximando-o do interlocutor e contribuindo para a dramatização do diálogo.

Fica claro que o padre fala mais que o confessando e através de perguntas e respostas, controla o assunto. Devido também às condições socioculturais, de poder e hierarquia, há um monitoramento da conversação pelo padre.

Pode-se aferir que no conto selecionado, o papel do padre ocorre como ouvinte ativo, que participa efetivamente da elaboração conversacional, interferindo na comunicação de forma explícita, criando uma dinâmica inter-relacionada.

É possível identificar outros pedidos de informação, agora respondidos com negação e, portanto, considerados na perspectiva do falante como a resposta menos esperada, já que existe certa expectativa em relação à reação do outro participante:

– ...Foi ela quem provocou?
– Não: ela estava deitada; dormindo...
– ...Você não pensou em sair dali?
– Não
– Ela não procurou cobrir-se com mais alguma coisa?
– Não... (VILELA, 1980, p. 68).

Vê-se, a seguir no fragmento, uma resposta que possibilita ser a coerência do discurso avaliada pelos participantes:

- Ela não falou alguma coisa inconveniente?
- Não... Mas o jeito dela olhar, o jeito que ela estava sentada...
- Sim. Que jeito? Uma posição indecorosa? (VILELA, 1980, p. 70).

Ainda com relação à natureza, pode-se constatar a resposta obtida com fornecimento de contribuições ou informações:

- E ela não se envergonhou de estar assim? – Não... Eu procurei desviar os olhos, mas ela mesma não estava se importando, Procurei sair logo dali, mas era como se alguma coisa me segurasse; parecia que eu estava fincado no chão... (VILELA, 1980, p. 70).

As reticências permitem ao leitor inúmeras inferências no conto.

Luiz Vilela, neste e em outros contos, aborda temas exemplares do cotidiano urbano atual, sempre com a preocupação de retratar o ser humano em confronto com a realidade desencantada.

Temas fortes pertencentes à sua ficção: amor, sexualidade, erotismo, morte, abordam a solidão nas grandes cidades e certa incomunicabilidade. Segundo o crítico Fábio Lucas, os contos de Vilela trazem profunda significação filosófica, pois apanham o homem mutilado pela sua incapacidade de se comunicar, assim, os seres não transmitem a sua essência e sofrem, eles arruinam-se.

Quando aborda o amor e a sexualidade, Vilela sempre procura situar as cenas do conto em uma problemática mais ampla, seja psicológica, seja social ou cultural, muitas vezes num contexto da religião católica. Assim, o conto tem a participação de um cenário em que estão interagindo questões diversas, como preconceitos, tabus e certas preocupações com uma realidade circundante, que têm influência direta no modo de se encarar a sexualidade.

No conto **Tremor de terra**, expõem-se diversos aspectos relativos à sexualidade na sociedade contemporânea, tais como a diferenciação entre amor e desejo sexual, a sexualidade instintiva, o namoro, o casamento, e como a noção de amor é veiculada pelos meios de comunicação de massa.

Nota-se que há uma pequena presença do erótico na sutileza da apresentação do corpo, o que se percebe na leitura de **Confissão**. Aqui, o erotismo desperta o desejo do adolescente, ao mesmo tempo em que solicita uma cumplicidade à distância, visando basicamente a um saber do querer, um conhecimento do desejo e do prazer, que no limite constitui uma forma de prazer.

Em seus contos, sintéticos, reduzidos ao essencial, muitas vezes não havendo outras indicações narrativas além da própria fala das personagens, per-

cebe-se a capacidade de criar uma linguagem fortemente erotizada, embora esse dado possa passar despercebido numa primeira leitura.

Há personagens, ou tipos, que ficam ansiosos, como é o caso do garoto que vai confessar ao padre o seu único pecado. Vilela registra vivamente estes encontros entre pessoas, em que é inevitável o contato humano, e até físico, como neste caso. A necessidade de se entrar em contato com o outro gera situações eróticas inesperadas.

VI – Amor, erotismo e sexualidade

Para Octavio Paz, tanto o erotismo quanto o amor derivam de uma fonte comum, a sexualidade. Ambos são, segundo o poeta, transfigurações da sexualidade pela imaginação humana.

Para os estudiosos da sexualidade, é um ponto de concordância unânime o fenômeno denominado “declínio de Eros”, que retrata o enfraquecimento do sentimento amoroso em nossos dias. Esse apagamento de Eros resulta de um processo de liberação sexual decorrente da revolução iniciada na década de 1950. Octavio Paz observa que, hoje, inúmeros são os estudos que têm como objeto a sexualidade humana, desde os tratados médicos, até o erotismo, mas são muito raros aqueles em que se estuda o amor.

O erotismo, sobretudo, não pode ser encarado independentemente da história do trabalho e nem independentemente da história das religiões.

O conto **Tremor de terra**, do livro de estréia de Luiz Vilela, sintetiza toda a problemática do amor e da sexualidade no mundo contemporâneo, em que o sentimento amoroso está totalmente destituído de seu estatuto sagrado. Revelam-se formas deturpadas de se entender o amor, como as noções veiculadas pelos meios de comunicação de massa, como o cinema e as novelas românticas. O amor seria o equivalente a um “tremor de terra”, semelhante à morte, já que único e arrebatador.

O amor, em Luiz Vilela, está representado, muitas vezes, pela sua ausência, pela falta de algo indefinível, como se este sentimento tivesse sido banido do cotidiano.

Há autores que julgam que o erotismo é sagrado. Ao contrário do que possa parecer, o termo sagrado, no âmbito do erotismo, não se relaciona, propriamente, à religiosidade habitual. Com esta, guarda pontos de contato, por pertencer à esfera do imaginário ou da espiritualidade. Dessa forma, o erotismo também é uma religião. Todo o problema do erotismo concentra-se, então, na oposição alma e corpo; sagrado e profano.

O autor sugere que o erotismo faz parte da vida e seria a sexualidade transfigurada pela imaginação humana, assim como a poesia seria a transfigura-

ção, pela imaginação, da linguagem cotidiana, permitindo assim as releituras evidenciadas nas lacunas que permeiam o discurso literário.

VII – Considerações finais

A análise dos elementos da narrativa e diegese no conto **Confissão** de Luiz Vilela, possibilitou ao leitor identificar a ausência de narrador e uma extensão de diálogo entre padre e um suposto pecador, que permeia a narrativa. As lacunas permitiram ao leitor a possibilidade de interpretação, uma vez que todo o texto é construído com diálogo e muitas reticências, permitindo, também, a exploração de temas relevantes no conto já que Vilela trata de temas que variam entre sexualidade e erotismo, permeados de religiosidade.

Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo. Situações e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**, 10. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- LUCAS, Fábio. **O caráter social da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- NICOLA, José de. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias**. 15. ed. São Paulo: Scipione, 1999.
- PAZ, Octavio. A metáfora. In: **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- _____. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 2001.
- PIGLIA, Ricardo. **Teses sobre o conto**. Caderno MAIS, Folha de São Paulo, domingo, 30 de dezembro de 2001, p. 24.
- REIS, Lexia de Maria Rua. **O que é o conto**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- VILELA, Luiz. Tremor de terra. In: **Tremor de terra**. São Paulo: Ática, 1980.